

BREVE RELATO SOBRE OS ESTUDOS DE
ELITES NO EXTREMO SUL DO BRASIL

*BREVE RELATO DE LOS ESTUDIOS DE
ÉLITES EN EL EXTREMO SUR DE BRASIL*

*A BRIEF REPORT ON ELITE STUDIES
IN THE FAR SOUTH OF BRAZIL*

*Ernesto SEIDL**

RESUMO: O artigo reflete sobre como a teoria bourdieusiana tem sido mobilizada por parte dos interessados em estudar elites no Brasil. Para tanto, o autor retoma aspectos da formação recebida por um grupo reunido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em torno do professor O. L. Coradini. A discussão central destaca os seguintes elementos: as dimensões conceituais, ênfases e encaminhamentos metodológicos privilegiados na elaboração das agendas de pesquisa; os recortes empíricos, grupos e instituições que receberam mais atenção; e, sobretudo, com quais mediações e ponderações esses esquemas têm servido a estudos sobre diferentes grupos dominantes.

PALAVRAS-CHAVE: Elites. Bourdieu. Sociologia das Elites. Elites no Brasil.

RESUMEN: *El artículo reflexiona sobre cómo la teoría bourdieusiana ha sido movilizadada por los interesados en estudiar las élites en Brasil. Para ello, el autor revisa aspectos de la formación recibida por un grupo reunido en la Universidad Federal de Rio Grande do Sul en torno al profesor O. L. Coradini. La discusión central destaca los siguientes elementos: las dimensiones conceptuales, los énfasis*

* Professor titular do Departamento de Sociologia e Ciência Política e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP) na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Brasil. Bolsista de Produtividade do CNPq. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1099-6206>. Contato: ernestoseidl@gmail.com.

y los enfoques metodológicos privilegiados en la elaboración de las agendas de investigación; las secciones empíricas, los grupos y las instituciones que han recibido mayor atención; y, sobre todo, con qué mediaciones y consideraciones estos esquemas han servido a los estudios sobre diferentes grupos dominantes.

PALABRAS CLAVES: *Élites. Bourdieu. Sociología de las Élites. Élites en Brasil.*

ABSTRACT: *The article reflects on how Bourdieusian theory has been used by those interested in studying elites in Brazil. To this end, the author revisits some aspects of the training received by a group of graduate students gathered at the Federal University of Rio Grande do Sul around Professor O. L. Coradini. The central discussion highlights the following elements: the conceptual dimensions, emphases and methodological approaches favored in the development of research agendas; the empirical sections, groups and institutions that have received the most attention; and, above all, with what mediations and considerations these schemes have served studies on different dominant groups.*

KEYWORDS: *Elites. Bourdieu. Sociology of the Elites. Brazilian elites.*

Para o grande Afrânio Garcia Jr. (*in memoriam*), com muita admiração.

Introdução

A centralidade dos trabalhos inspirados em Pierre Bourdieu nos estudos sobre elites no Brasil não é novidade¹. Indicações recentes têm mostrado quantidade expressiva de mobilizações do referencial bourdieusiano em meio a outras abordagens responsáveis por renovação considerável dos interesses pelo tema². É provável que um dos melhores indicadores da incorporação das contribuições de Bourdieu e de seus colaboradores aos estudos dos grupos dominantes seja uma notável diversificação dos espaços e grupos sociais tomados como objeto de reflexão.

Se no passado elites políticas e econômicas compunham a quase totalidade do menu das pesquisas, há pelo menos duas décadas tem-se variedade bem maior nos tipos de grupos examinados: elites religiosas de diferentes confissões, elites

¹ Sou muito grato aos comentários de Bruno Barreiros, Eliana T. dos Reis e Igor Grill à versão preliminar deste artigo.

² Ver em especial Codato; Perissinotto (2008), Reis; Grill (2023), Porcionato; Moura; Vieira (2022), Seidl (2013).

culturais, artísticas e intelectuais, militares e burocráticas, jurídicas, empresariais e jornalísticas, para citar alguns. Mais do que isso, é fácil também notar uma multiplicação nos enfoques e encaminhamentos metodológicos dispensados por pesquisadores e pesquisadoras de diferentes gerações e especialidades³.

Como sabido, essa expansão está ligada à crescente circulação e incorporação de parte da obra de Bourdieu no Brasil, fruto de diversos movimentos e de atores que deram contornos a apropriações específicas a certas temáticas, com destaque a estudos sobre campesinato, cultura e sistema escolar. Embora presente no trabalho pioneiro de Sérgio Miceli (1979) dedicado a grupos dirigentes paulistas – sob orientação de Bourdieu –, é a partir dos anos 1990 que o esquema do autor começa a ganhar força nas investigações sobre elites, vitaminando agenda que aos poucos se desdobraria em várias frentes.

É sobre uma dessas frentes de pesquisa, em especial, que gostaria de tratar neste artigo. Logo, não está em questão qualquer apreciação sobre a vasta *Sociologia das elites em Bourdieu*. Com ambição muito menor, proponho aqui tentar tornar mais explícitas as condições de aprendizagem do referencial bourdieusiano e as principais discussões que animaram pesquisadores em um ambiente bastante específico na Universidade Federal do Rio Grande do Sul entre a década de 1990 e a de 2000. Este grupo gravitou em torno da figura central de O. L. Coradini, pesquisador que se destacou pelo investimento em pesquisas sobre diferentes grupos dominantes com base em uso intenso do referencial de Bourdieu e em reflexões sobre as condições de sua aprendizagem e mobilização no Brasil⁴.

Acredito que esse seja um exercício útil por duas razões principais: em primeiro lugar, por expor o contexto concreto de apreensão de um universo de questões das Ciências Sociais – sobretudo ligadas à Sociologia de Bourdieu, mas não apenas – cujas especificidades marcaram a embocadura teórica e metodológica desses pesquisadores e daqueles que eles próprios viriam a formar em diferentes instituições nos anos seguintes⁵. Portanto, vejo isso como uma forma de entender algo a mais sobre o que já se sabe a respeito da recepção e circulação de Bourdieu

³ As sucessivas edições de um grupo de trabalho e de mesas-redondas sobre elites nos encontros da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), a partir de 2007, são boa medida desse movimento, também notado na edição de diversos dossiês temáticos em periódicos como Revista Pós Ciências Sociais (2011, 2012, 2020, 2023), Revista Sociologia e Política (2008), TOMO (2008) e Tempo Social (2017). Sobre as discussões em torno do GT na ANPOCS, consultar o artigo de Grill e Reis neste dossiê.

⁴ Para uma síntese dessa perspectiva sobre as condições de aprendizagem e uso do referencial de Bourdieu no contexto cultural, institucional e escolar encontrado no Brasil, ver Coradini (1996a). Para elementos sobre o itinerário profissional de Coradini, consultar Coradini (2010a).

⁵ Três núcleos principais de pesquisa criados nos anos 2000 desenvolveram-se na esteira desse grupo. O Laboratório de Estudos do Poder e da Política (LEPP/UFS), o Laboratório de Estudos sobre Elites Políticas e Culturais (LEEPOC/UFMA) e o Núcleo de Estudos em Elites, Justiça e Poder Político (NEJUP/UFRGS).

no Brasil⁶; em segundo lugar, por favorecer a reflexão sobre certas peculiaridades no processo de construção de problemáticas envolvendo o tema das elites no Brasil.

Nessa linha, o principal objetivo proposto seria entender de forma um pouco mais nuançada de que maneiras a teoria bourdieusiana tem sido mobilizada por uma fração dos interessados em estudar elites no país – o que implica uma compreensão particular do que se considera “elites”. Isto é, quais dimensões conceituais e encaminhamentos metodológicos foram privilegiados na elaboração das agendas de pesquisa; quais recortes empíricos, grupos e instituições receberam mais atenção; e, sobretudo, com quais mediações e ponderações esses esquemas têm servido a investigações sobre diferentes grupos dominantes.

Certa visão sobre as elites

Gostaria de reforçar que não pretendo fazer nenhuma espécie de balanço geral de trabalhos nem me aprofundar em detalhes⁷; muito longe disso. Alerto também que aquilo que apresento aqui é, necessariamente, *muito* parcial. Indo direto ao ponto, de saída é fundamental situar o contexto periférico de ensino e prática de pesquisas sobre elites ao qual estou me referindo: um programa de pós-graduação em Ciência Política de uma universidade do extremo sul abrigando um grupo de alunos reunidos em torno de um doutor em Antropologia, formado no Museu Nacional.

A então relativa baixa visibilidade do PPG em questão, que não era de Sociologia nem de Antropologia, mas de Ciência Política, somada ao perfil retraído (e algo pessimista) do mentor bourdieusiano do grupo, provavelmente colaboraram à adoção entre os alunos de certo comedimento no uso de uma etiqueta de bourdieusianos; pelo menos mais no início de suas carreiras. Isso também se refletia no emprego mais moderado do jargão, com o uso pouco frequente, por exemplo, de conceitos como campo e habitus - o que estava ligado às condições de uso do esquema de Bourdieu, como veremos logo mais. Creio ainda que a apresentação algo inusitada dos trabalhos iniciais dessa turma no universo *mainstream* da Ciência Política, do qual destoava bastante e onde soava um tanto esotérica, deva ser mencionado nesse esboço; com uma nota de bom humor, é claro.

Mas é a conexão de Coradini com o Museu Nacional que valeria a pena explorar um pouco mais. Acredito que ela tenha tido peso decisivo não apenas na abordagem da sociologia de Bourdieu que desenvolveu, mas também na concepção

⁶ Não custaria lembrar que o termo recepção, no singular, tende a encobrir diferentes processos e temporalidades. Esse é sem dúvida o caso da recepção de Bourdieu no Brasil, como apontado por diversos trabalhos (Bortoluci; Jackson; Pinheiro Filho, 2015; Campos; Szwako, 2020; Miceli, 2021; Rocha; Peters, 2020).

⁷ Parte das discussões mais substantivas em torno dos eixos de estudo privilegiados pode ser encontrada em Grill; Reis (2020a, 2020b), Reis; Grill (2014, 2016), Seidl (2013) e Seidl; Grill (2013).

de Ciências Sociais que incorporou e procurou transmitir. Orientado no curso de Doutorado em Antropologia Social por Moacir Palmeira, que havia acompanhado seminários de Bourdieu nos anos 1960 e fora pioneiro em sua introdução no Brasil, há uma marca do grupo ligado aos estudos das transformações do mundo rural e do campesinato; entre os membros do grupo estava Afrânio Garcia Jr.⁸, também orientado por Moacir Palmeira e futura referência central nas conexões entre pesquisadores brasileiros e o grupo de franceses⁹. Por um lado, tem-se a forte proximidade e interesse em uma temática afim à que Bourdieu desenvolvera num primeiro momento na Argélia e na França, inclusive com indagações semelhantes (Wacquant, 2006); por outro lado – e esse ponto é chave –, a incorporação de um denso referencial da Antropologia Política anglo-saxã dedicada às relações pessoais e ao fenômeno da mediação social¹⁰.

É a partir daí, creio eu, que fica mais evidente uma série de opções e de ênfases operadas por Coradini na condução de suas pesquisas e na orientação de trabalhos sobre diferentes elites – intelectuais, políticas, associativas, militares, eclesiásticas, jurídicas, acadêmicas, burocráticas –, dando certo feitio ou dicção comum a eles. Os aspectos que passo a mencionar dizem respeito, portanto, antes de tudo às condições de construção de objetos de estudo a partir da apropriação de referenciais pensados vis-à-vis às especificidades da experiência sócio-histórica brasileira. Sem dúvida, a primeira ênfase recai na condição periférica do Brasil e nas particularidades que resultam dos processos de importação e de adaptação de modelos institucionais e de bens simbólicos os mais variados, como sistemas jurídicos, o Estado, diferentes filosofias e ideologias.

A mobilização de uma perspectiva que dá atenção às dinâmicas concretas de construção daquilo que é entendido como *política*, com forte apelo aos recursos da história, aparece em especial nos trabalhos de Bertrand Badie e de Guy Hermet. Note-se que ambos são cientistas políticos (*Institut d'Études Politiques de Paris*) e bastante distantes das discussões conduzidas no então *Centre de Sociologie Européenne*, quartel-general dos bourdieusianos. Com um viés da sociologia histórica¹¹, apontam dimensões centralíssimas da dinâmica sociopolítica de países

⁸ Uma revisão final deste artigo me permitiu fazer esta nota triste, difícil e inesperada, além da dedicatória inicial. Afrânio faleceu há poucos dias, em 30 de novembro de 2024. Não seria possível registrar tudo o que gostaria neste espaço. Me limito a dizer que, ao lado de Coradini, Afrânio foi a figura mais influente na minha forma de entender e praticar Ciências Sociais., o que seguramente se estende a todo nosso grupo formado na UFRGS.

⁹ Um artigo e duas entrevistas são muito esclarecedores sobre esse conjunto de aspectos em especial: o texto de Sérgio Leite Lopes sobre as recepções de Touraine e de Bourdieu no Brasil (2013, esp. p. 50-58); a entrevista de Moacir Palmeira concedida a José Leite Lopes (Palmeira, 2013), e a de Afrânio Garcia Jr. a Mihai Gheorghiu (Garcia Jr., 2020).

¹⁰ Referencial desenvolvido em especial a partir de estudos sobre comunidades rurais em diferentes regiões do mundo, incluindo Caribe e América Central.

¹¹ Destaque-se os livros *Politique comparée* (1990), coautoria de Badie e Hermet (com versão em espanhol de 1993) e *L'État importé: essai sur l'occidentalisation de l'ordre politique* (1992), de Bertrand Badie.

formados a partir da expansão do Ocidente. Entre elas, os hibridismos que resultaram da adaptação de esquemas importados a contextos socioculturais orientados por lógicas de consumo específicas¹².

Tem-se então o vasto problema das diferentes formas de significação de instituições e ideologias cujas racionalidades assumem outros contornos no contexto brasileiro e, portanto, precisam ser examinadas para além de sua dimensão oficial e normativa¹³. Menciono sumariamente alguns desses aspectos que receberam atenção dentro da problemática das elites: a noção de meritocracia e o peso dos títulos escolares como recurso de legitimação, a noção de profissão e de carreira, as próprias concepções de política e de representação.

É evidente, num plano geral, que o que está em questão são as peculiaridades da estruturação social em um contexto como o brasileiro; isto é, os princípios de classificação e de hierarquização social vigentes, as condições de existência e de legitimação de grupos, classes, ideologias e instituições. Como já bastante discutido por parte dos interessados no uso do referencial de Bourdieu em contextos semelhantes na América Latina, África e Europa do Leste, o relativo baixo grau de autonomia das esferas sociais e o maior peso da “política”¹⁴ como estruturante dos recursos e posições nas demais esferas de atividade coloca ao pesquisador um conjunto grande e sortido de desafios (Coradini, 2017).

Antes de qualquer coisa, está o desafio de se dispor de indicações sobre a história social e a mecânica dos espaços e grupos examinados – seja o Exército, a magistratura, a Igreja católica e elites políticas regionais; ou então, o fardo ainda mais pesado de o próprio pesquisador ter de investir nessa compreensão a partir de material primário – o que costuma ser um pepino dos grandes. Em ambas as situações, o tratamento dos materiais requer a objetivação de suas condições de produção, isto é, as lógicas investidas por instituições e agentes específicos interessados na elaboração de regras e percepções sobre os universos que integram¹⁵. Este aspecto será retomado logo mais ao tratar do papel que a produção escrita e tomadas de posição têm assumido dentro do ativismo de alguns grupos dominantes no Brasil.

¹² Vale notar que a problemática da circulação internacional de ideias – de início, mais voltada ao campo de produção intelectual – também é cara à agenda de Bourdieu e de seus colaboradores, como apresentado na edição de *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* (2002) intitulada *La circulation internationale des idées*. Essa vertente de análise foi expandida e explorada em especial por Yves Dézalay com análises sobre a circulação de modelos de Estado e de expertise econômica, jurídica, ambientalista, entre outras. Ver, por exemplo, Dézalay (1992, 2004) e Dézalay; Garth (2002).

¹³ Sobre esse ponto e as limitações das abordagens dominantes na Ciência Política, consultar Bezerra (1999), Palmeira; Barreira (2004), Palmeira; Goldman (1996), Seidl; Grill (2013) e Seidl (2016).

¹⁴ A perspectiva de uma hiperpolítica do social em configurações como a brasileira é apresentada por Badie; Hermet (1993, p. 189-195).

¹⁵ Exigindo muitos recursos e investimento de tempo, o trabalho de Miceli (2009) sobre a elite da Igreja na Primeira República é bom exemplo, ao mesmo tempo, do tipo de esforços requeridos em empreitadas desse feito e de rigoroso tratamento sociológico dispensado ao material compilado.

Seja como for, se a questão da heteronomia – ou baixa autonomia – das esferas sociais deve ser tomada como pressuposto nas investigações, trata-se sempre de algo a ser demonstrado com base em evidências robustas e situado numa dinâmica histórica. É assim, por exemplo, que a tentativa de compreensão dos condicionantes sociais e culturais de diferentes grupos dominantes - alto oficialato militar e alto clero, Ministério Público ou elite da medicina – requer atenção sobre o passado e o estado presente da configuração estudada. Bourdieu insistiu à exaustão na historicidade dos campos, é bom lembrar. Análises diacrônicas em especial favorecem a captura de eventuais mudanças ou recomposições dos espaços e grupos, na linha do que fez Christophe Charle no magistral livro *Les Élités de la République (1880-1900)* dedicado às elites francesas na Terceira República (Charle, 1987), sob influência direta de Bourdieu.

Uma embocadura para estudar elites no Brasil

Um exemplo de trabalho que reúne esse conjunto de preocupações é a pesquisa prosopográfica de Coradini sobre a elite médica no período que vai do Império até o final dos anos 1960¹⁶. O principal resultado da investigação está apresentado no artigo “Grandes famílias” e elite “profissional” na medicina no Brasil (Coradini, 1997a), publicado na revista *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*. O longo texto propõe três objetivos: i) introduzir uma discussão conceitual sobre as relações de reciprocidade em instituições oficiais no Brasil a partir do caso da Academia Nacional de Medicina; ii) localizar um padrão geral nas relações e práticas sociais e políticas no período; iii) examinar os diferentes significados do título escolar como recurso para ascensão social e seleção de elites no Brasil.

O primeiro ponto remete à já mencionada incorporação de esquemas da Antropologia Política no estudo de relações pessoais. Isso me permite desenvolver aqui alguns aspectos chave sobre as condições de sua utilização combinada com o referencial de Bourdieu, sobretudo as noções de capital social e de capital escolar. A questão central da discussão diz respeito ao caráter estruturante das relações pessoais e de reciprocidade em sociedades como a brasileira, com uma enorme diversidade de manifestações empíricas. Logo, ficam evidenciados os limites da definição genérica da noção de capital social, entendido como “o conjunto dos recursos atuais ou potenciais que estão vinculados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e interreconhecimento” (Bourdieu, 2007, p. 67).

Apresentada em 1980 na *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* em texto de apenas duas páginas e com o subtítulo “notas provisórias”, a noção apontava

¹⁶ O conjunto de resultados da pesquisa foi publicado em Coradini (1996, 1997a; 1997b; 2004).

para um tipo de recurso social ao mesmo tempo menos evidente e potencialmente muito rentável no conjunto do patrimônio social dos agentes. Isto é, a inscrição em determinadas redes a partir do grupo familiar, de diferentes instituições e de grupos os mais variados é tomada como diferencial nas possibilidades de valorização das demais espécies de capital (econômico, cultural, simbólico), aos quais ele é relativamente irredutível, em especial o capital econômico e o capital cultural¹⁷. Acontece que aquilo que aparece nos estudos sobre elites na França de modo mais lateral com respeito à mobilização do capital social no conjunto das estratégias de reprodução e de consagração – sobretudo como uma forma de multiplicação de outros tipos de capital¹⁸ –, no caso do Brasil é absolutamente central.

Vale dizer, numa estrutura neopatrimonialista e clientelista como a brasileira, a maior dependência de estratégias voltadas ao acúmulo de capital simbólico personificado para a obtenção e valorização de outros recursos – como os títulos escolares e certas competências profissionais – coloca a objetivação das diferentes formas de uso do capital de relações no centro da análise. A grande diversidade empírica das relações pessoais detectada em tal configuração recomenda, assim, o uso de esquemas complementares à noção mais genérica de capital social. É nessa linha que Coradini discute e mobiliza vasto arsenal analítico no exame de relações e estruturas baseadas na reciprocidade, tais como: patronagem, compadrio, redes, amizade instrumental, alianças diádicas, segmentaridade, quase-grupos e facções¹⁹.

Esses esquemas são centrais para a explicitação das bases sociais do recrutamento da elite da medicina que ele estudou. Ao mesmo tempo em que exibia oficialmente princípios de legitimação calcados no título escolar e em expertise científica, está bem evidenciado que em nenhum momento o grupo deixou de depender de relações de troca e do investimento na esfera política como recurso para a consagração profissional. E fica muito claro em sua demonstração como as concepções vigentes da excelência médica e da carreira adquirem significados específicos num contexto de inexistência de um campo científico e de uma racionalidade própria.

¹⁷ Para uma contextualização minuciosa dos usos da noção de capital social por Bourdieu, incluindo as diferenças frente às concepções de James Coleman e de Robert Putnam, consultar Coradini (2010b) e Saint Martin (2017).

¹⁸ Sob nenhuma hipótese essa afirmação sugere a irrelevância da mobilização do capital de relações na sociedade francesa e, ainda menos, a ausência de relações de reciprocidade como o clientelismo político ou a patronagem. A questão é o peso relativo que esse tipo de recurso tem nos mecanismos de hierarquização social e, em especial, na estruturação dos espaços de poder. Como aponta Saint Martin (2017, p. 117), a noção permeia boa parte da obra de Bourdieu, desde os estudos iniciais de etnologia na Argélia e no sul rural da França até aqueles sobre elites econômicas, políticas e burocráticas (Bourdieu; Saint Martin, 1978; Bourdieu, 1989). No entanto, a dificuldade em dissociar o capital social das outras espécies de capital – sobretudo, o simbólico – seria a principal razão para sua provisoriedade no esquema do autor.

¹⁹ Entre as principais referências dessa vertente estão autores como Boissevain (1966), Landé (1977), Mayer (1980), Schmidt *et al.* (1977), Scott (1969), Weingrod (1968) e Wolf (1980).

É significativo, nesse sentido, o uso constante de aspas pelo autor ao mencionar expressões como *profissão*, *medicina* e *carreira*, grifando desta forma os significados variáveis em que os termos eram compreendidos e disputados por agentes engajados em jogos que, em todo caso, jamais tratavam de apenas uma questão científica ou procedimental²⁰. Logo, a exibição de diplomas reconhecidos e a invocação constante de discursos ditos técnicos pelos membros da elite médica são compreensíveis apenas quando postas ao lado de suas ações concretas e de suas justificativas, capturadas sobretudo em vasto material biográfico e memorialístico, onde são apresentadas e celebradas.

Para ser sintético, o estudo demonstra com material empírico muito robusto aspectos estruturais da mecânica do espaço do poder e das elites no Brasil – que sem dúvida vão muito além da elite médica em questão (vide o trabalho de Miceli [1979], por exemplo). Em primeiro lugar, a manutenção da centralidade do capital social no acesso a posições de poder e prestígio, apesar de mudanças de regime político e de inovações institucionais fundadas no princípio do mérito escolar²¹. Ligado a isso está a complexificação das relações entre o capital social e os usos da titulação escolar, ponto que abre caminho para problemática das mais árduas nos estudos de elites – inclusive em sociedades centrais. Por um lado, como indicava Bourdieu (1989, espec. 548-560) ao final de *A Nobreza de Estado*, tem-se o claro prolongamento dos circuitos de legitimação do poder colocado pela imposição do modo de dominação baseado na escola; no caso da elite médica em questão, porém, os significados e usos dos recursos escolares e culturais apontam um amálgama de lógicas e de princípios de legitimação flagrantemente contraditórios.

São muitas as indicações de que essa mescla de princípios de legitimação fundados no mérito escolar e de outros ligados ao prestígio familiar e à notabilidade social e política organizam o espaço de diferentes elites no Brasil. Mesmo as que dependem menos diretamente de diplomas para se legitimarem e se reproduzirem, como certas elites econômicas, empresariais e políticas (Barreiros, 2019; Grün, 2003; Nogueira, 2002). É preciso ter bem em conta, portanto, os efeitos que a difusão da ideologia meritocrática, a adoção de mecanismos de seleção via concursos e a forte expansão do sistema de ensino superior tiveram na estruturação do espaço do poder nas últimas décadas.

²⁰ Presentes já no título do artigo (inspirado no texto *Une grande famille*, de Monique de Saint Martin [1980]), as aspas na expressão grandes famílias indicam preocupação do autor em evitar ao mesmo tempo juízos sobre o valor social dos grupos familiares estudados, a não naturalização da noção de “família” e, ainda, eventuais analogias com a configuração social francesa.

²¹ O estudo mostra que a importância do capital social e das relações de reciprocidade inclusive se acentua após o fim do Império. A principal diferença no período republicano seria que “as redes nas quais se realiza esse capital social já não são centralizadas no poder central ou na figura do imperador” (Coradini, 1997a, p. 447). Algo muito semelhante pode ser constatado quanto às elites do Exército (Seidl, 2008; 2011) e às elites políticas e intelectuais (Bordignon, 2015) entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

A complexificação dos esquemas de recrutamento e de legitimação de diferentes elites tem, assim, desafiado os pesquisadores a tentar objetivar uma gama crescente e intrincada de condicionantes sociais e de estratégias de afirmação de grupos e frações de grupos dominantes. De um lado, competências escolares e culturais mais intensas têm sido exigidas como critério de acesso a posições de poder, por exemplo, em carreiras de Estado, em profissões jurídicas e na Igreja Católica; de outro, a diversificação crescente de origens, recursos e itinerários dos agentes tem tornado mais complexas as lutas pela definição dos princípios da excelência social e profissional em espaços sociais que adquirem morfologias mais heterogêneas, como indicado em especial por pesquisas que abordam a dinâmica entre estudos internacionais e a recomposição de elites dirigentes no Brasil (Almeida *et al.*, 2004; Canêdo; Tomizaki; Garcia Jr., 2013).

Diferentes estudos ligados ao grupo de Coradini têm examinado a constituição e dinâmica dos espaços de elites como as intelectuais, jurídicas, políticas, militares e religiosas²². O ponto forte das análises está sobretudo na objetivação das lutas pelo acesso e pela definição dos critérios de hierarquização em cada um daqueles espaços. Com suas singularidades, todas elas identificam uma recomposição de espaços ou domínios de atividade que experimentaram um aumento concorrencial e passaram a ver novas batalhas serem vocalizadas em vocabulários renovados.

A expansão notável do acesso a diplomas superiores nas últimas três décadas, com incremento relevante também de títulos de pós-graduação (Vieira, 2017), é componente central nesse processo. Parte dos diplomas tornaram-se mais acessíveis a frações sociais menos favorecidas social e culturalmente, que também passaram a disputar tiquetes – sobretudo, via concursos públicos – para espaços até há algum tempo reservados a indivíduos de origem privilegiada ou muito privilegiada (magistratura, Ministério Público, diplomacia, por exemplo).

Ao mesmo tempo, tem-se a valorização de novas credenciais escolares e culturais, como os *Master in Business Administration* (MBAs) e outros cursos de “gestão” e de caráter “técnico” - em alguns casos, recursos angariados pela circulação internacional²³ -, sem dúvida mais à mão para aqueles indivíduos de origem

²² Mencionaria de modo sumário os trabalhos iniciais de José Carlos G. dos Anjos (1998), Eliana T. dos Reis (2007), Igor G. Grill (1999; 2003), Luiz A. Grijó (1998), Rodrigo da R. Bordignon (2011; 2015) e Wilson J. F. de Oliveira (2005) sobre elites intelectuais, culturais e políticas; os de Fabiano Engelmann (2001; 2004) sobre elites jurídicas e os meus próprios sobre elites militares e eclesiásticas (Seidl, 1999; 2003). Uma primeira fornada de parte desses trabalhos foi divulgada na coletânea *Estudos de grupos dirigentes no Rio Grande do Sul: algumas contribuições recentes* (Coradini, 2008).

²³ O tema da circulação internacional e da formação de elites é central na agenda de estudos do grupo aqui mencionado. Seria preciso explicitar os sucessivos esforços de cooperação e a formação de densa rede de pesquisadores e pesquisadoras do Brasil e da França, concretizadas sobretudo por convênios CAPES-COFECUB. Boa parte do grupo de doutorandos/as de Coradini beneficiou-se de estágios doutorais na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* ou na *École Normale Supérieure* e integrou as demais atividades promovidas pelos convênios. Fica evidente que o próprio processo de

mais favorecida e em melhores condições de rentabilizá-las. Seja como for, o que entra em conta aqui são as “diferentes condições sociais associadas à realização da titulação escolar”, as quais “podem ser significativas mesmo entre pessoas com a mesma titulação escolar” (Coradini, 2014, p. 513).

Valeria notar que a distinção feita por Bourdieu e Saint Martin (1982) entre *herdeiros* e *oblatos* para descrever a estrutura do campo eclesiástico se presta à compreensão de diversos outros espaços institucionais, como o jurídico, o militar e o partidário. Ao indicar propriedades sociais distintas (origem geográfica e social, formação escolar e cultural, capital social) que organizam dois polos e duas populações dentro do episcopado, essa caracterização também revela relações distintas dos agentes com a instituição e com a carreira. O acento nas diferenças dos recursos de origem que orientam parte da estruturação dos espaços sociais não deve, no entanto, encobrir uma série mais complexa de nuances na captura do patrimônio de recursos dos respectivos agentes, assim como de sua relação com os jogos de poder específicos e com diferentes estratégias de ação. Fica mais evidente, então, a importância do exame minucioso da estrutura dos recursos de que são dotados os agentes e de que forma variam ao longo de seus deslocamentos no espaço estudado²⁴.

Isto é, mais do que uma oposição entre grupos de agentes com propriedades sociais distintas que tende a organizar os espaços de poder entre dominantes e dominados, e cujas lutas se expressam com frequência em termos como “tradicionais” e “modernos”, “velhos” e “novos”, “ortodoxos” e “heterodoxos”, “conservadores” e “revolucionários”, tem-se uma composição complicada de diferentes sociodiceias. Em configurações sociais porosas e marcadas por processos de recomposição dos espaços de poder, como a brasileira, estas não raro fundem critérios díspares e, em parte, conflitantes.

Antiguidade em dado domínio, notoriedade familiar²⁵, denso capital social, patrimônio econômico, alta escolaridade e recursos culturais relativamente raros estão entre os principais recursos acionados tanto em estratégias de preservação ou perenização de grupos dominantes quanto em estratégias de ascensão, desafio e afirmação de grupos aspirando a melhores posições. Os efeitos que a entrada de indivíduos com propriedades que destoam das dominantes têm causado em espaços reservados historicamente aos mais privilegiados são bastante evidentes, por exem-

circulação de estudantes e professores envolvidos nos projetos era tomado como parte da análise. Sobre esse ponto, ver em especial o artigo de Munôz (2013).

²⁴ Caberia registrar a insistência de Coradini com seus orientandos sobre a centralidade do estudo do *background social* dos agentes (se possível, do grupo familiar extenso) como um traço marcante da formação que receberam. Essa orientação era acompanhada em especial da problematização do uso de indicadores como profissão/ocupação dos pais e da posição na ocupação, além dos títulos escolares como medida fiável sobre origem e posição social.

²⁵ Sobre a centralidade do grupo familiar nas estratégias de reprodução das elites, consultar o dossiê *Estratégias de reprodução de “elites”*, organizado por Igor Grill e Rodrigo Bordignon na Revista Pós Ciências Sociais (2020).

plo, em certas carreiras de Estado como a diplomacia (Gobo, 2016), a magistratura (Engelmann, 2006) e a advocacia pública (Lima, 2016; Silveira, 2022).

Entre as operações de pesquisa que os estudos mencionados têm realizado sublinho a atenção dada a algumas estratégias de legitimação e consagração voltadas ao acúmulo de notoriedade, as estratégias de notabilização. Trata-se de investimentos que aparecem sob formas de militância ou de politização da atividade, no sentido de busca de protagonismo em torno de alguma “causa”, tecnologia social ou doutrina específica²⁶. Mais provável e intenso entre aqueles que buscam ascensão e visibilidade – novatos, agentes menos providos de recursos valiosos ou em posições ameaçadas de declínio e de perda de prestígio –, esse tipo de engajamento favorece o ativismo associativo, tomadas de posição acentuadas e, muitas vezes, polêmicas. A importação e vocalização de inovações doutrinárias ou temáticas por especialistas do Direito que procuram se cacifar no espaço jurídico é exemplo palpável desse fenômeno.

Penso aqui em especial no espaço das elites jurídicas e nas novas disputas que vêm sendo travadas nas últimas décadas, com a multiplicação de diferentes grupos e associações, entre outros, de juízes, procuradores e promotores públicos (Engelmann, 2006; Lima, 2016; Silveira, 2022). Ligado à busca pela autonomização do poder judiciário e dos agentes judiciais, esse processo também se conecta à emergência de modelos profissionais corporativos e à reivindicação de neutralidade do sistema de justiça. Aos esforços intensos de legitimação dos especialistas do Direito como corpo técnico neutro e apartado das querelas políticas contrapõe-se, contudo, variedade de indicações de um imbricamento entre espaço jurídico e espaço político. Uma acentuada incorporação da lógica das disputas políticas pelo sistema judicial, com a notabilização de certos protagonistas e seu estreitamento com o circuito eleitoral, é um dos corolários desse fenômeno, como apontado por Engelmann (2023, p. 23-25).

O estudo combinado das lógicas de agremiação em torno de certas “causas”, seja o “combate à corrupção”, a “moralidade pública” ou a “defesa de direitos básicos”, e também dos instrumentos de intervenção no espaço público – publicações, entrevistas e exposição midiática – segue, assim, as pistas de Bourdieu (1984, p. 113-120) sobre a centralidade de se analisar as lutas sem fim pelo reconhecimento do valor e da legitimidade das diferentes espécies e subespécies de capital no campo do poder. Análises minuciosas dessas disputas são promissoras sob muitos aspectos; em especial quanto à configuração do espaço e às diferentes condições de acesso aos agentes, favorecendo a captura dos confrontos e das clivagens específicas e a correlação com diferentes estratégias disponíveis (antigas ou novas) colocadas em ação em um léxico próprio.

²⁶ Quanto ao uso da noção de politização nesse sentido, consultar Coradini (2017).

Caberia destacar que o ativismo e a aposta em publicações também são repertórios mobilizados por frações dominantes em muitos outros espaços, como o político (Grill, Reis, 2012; Reis, Grill, 2023), o religioso, o militar e o empresarial (Seidl, 2016; Seidl; Barreiros, 2024). O investimento na produção escrita, sob diversos gêneros, é, aliás, ponto que tem merecido atenção de colegas pesquisadores que estudam as modalidades de consagração de elites políticas e culturais. Ao focar o que denominam multinotabilidades, Reis e Grill (2017) têm destacado a produção de bens simbólicos como base relevante na valorização e afirmação de patrimônios lastreados em diferentes esferas e recursos, como a tradição familiar e política, biografias militantes, riqueza material, títulos escolares e competências culturais. De grande alcance heurístico, essa perspectiva é muito coerente com uma compreensão do espaço social brasileiro como altamente poroso e heteronômico²⁷. Ela acentua a atenção necessária à interdependência entre diferentes esferas ou domínios de atividade, sobretudo a da família, a da cultura e a da política.

Para concluir, gostaria ainda de destacar alguns traços que me parecem comuns aos estudos que mencionei aqui de modo direto ou indireto. Acredito que ajudem a pintar o esboço do grupo de pesquisadores e pesquisadoras inspirados por Bourdieu e interessados nas elites de que tratei de modo esquemático neste texto. O traço mais de fundo que merece destaque e reflete a orientação recebida é a valorização de uma postura de vigília frente a adesões automáticas, ritualizadas e quase religiosas ao referencial bourdieusiano - o que por definição configuraria uma traição a princípios básicos que Bourdieu defendia com unhas e dentes. A este traço é preciso adicionar uma descrença em fronteiras disciplinares²⁸. Dito mais ao modo bourdieusiano, uma crença na unidade das Ciências Sociais, ou ainda, numa Ciência do Social.

Está claro que a construção de objetos de pesquisa em torno das elites no Brasil exige apropriações muito cuidadosas e refletidas do potente ferramental de Bourdieu e de pesquisadores associados, como o alerta em texto recente publicado no Brasil uma de suas primeiras colaboradoras (Saint Martin, 2022). Combinado com outros esquemas, sensíveis em especial às peculiaridades de configurações como a brasileira, o referencial de Bourdieu, a meu ver, segue imbatível no combate pela melhor explicação do espaço do poder e das elites, e do mundo social em seu conjunto.

²⁷ Uma discussão sobre esse ponto e sobre o uso de certos modelos e conceitos no estudo de elites no Brasil é feita pelos autores em Grill; Reis (2018).

²⁸ Como exemplificado na produção da coletânea *As Ciências Sociais e os espaços da política no Brasil* (Seidl; Grill, 2013).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ana M.; CANÊDO, Leticia B.; GARCIA, Afrânio; BITTENCOURT, Agueda B. (Orgs.). **Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras**. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- ANJOS, José C. G. dos. **Intelectuais, literatura e poder em Cabo Verde**: lutas de definição da identidade nacional. Tese (Doutorado) – IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.
- BADIE, Bertrand. **L'État importé**: essai sur l'occidentalisation de l'ordre politique. Paris: Fayard, 1992.
- BADIE, Bertrand; HERMET, Guy. **Política comparada**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- BARREIROS, Bruno C. **A institucionalização da sustentabilidade no espaço empresarial brasileiro**: a emergência de uma elite de top managers e a conformação dos neófitos. Tese (Doutorado) – CFH, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.
- BEZERRA, Marcos O. **Em nome das “bases”**: política, favor e dependência pessoal. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999.
- BOISSEVAIN, Jeremy. Patronage in Sicily. **Man**, 1:1, 1966.
- BORDIGNON, Rodrigo da R. **Elites políticas e intelectuais no Brasil**: condições de diversificação e estratégias de carreiras. Tese (Doutorado) – IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- BORDIGNON, Rodrigo da R. **Recursos sociais e modalidades de entrada na política**. Dissertação de Mestrado em Ciência Política. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.
- BORTOLUCI, José H.; JACKSON, Luiz C.; PINHEIRO FILHO, Fernando A. Contemporâneo clássico: a recepção de Pierre Bourdieu no Brasil. **Lua Nova**, n. 94, p. 217-254, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. O capital social. In: NOGUEIRA, Maria A.; CATTANI, Afrânio (orgs.). **Escritos de Educação**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 65-70.
- BOURDIEU, Pierre. La circulation internationale des idées. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, 2002/5, n.145.
- BOURDIEU, Pierre. **La noblesse d'État**: grandes écoles et esprit de corps. Paris: Minuit, 1989.

BOURDIEU, Pierre. Quelques propriétés des champs. In: BOURDIEU, Pierre. **Questions de Sociologie**. Paris: Minuit, 1984.

BOURDIEU, Pierre; SAINT MARTIN, Monique. La Sainte Famille: l'épiscopat français dans le champ du pouvoir. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. 44-45, 1982.

BOURDIEU, Pierre; SAINT MARTIN, Monique. de. Le patronat. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, 20-21, 1978.

CAMPOS, Luiz A.; SZWAKO, José. Biblioteca Bourdieusiana ou como as ciências sociais brasileiras vêm se apropriando de Pierre Bourdieu (1999-2018). **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, n. 91, p. 1-25, 2020.

CANÊDO, Letícia; TOMIZAKI, Kimi; GARCIA JR., Afrânio. (Org.). **Estratégias educativas das elites brasileiras na era da globalização**. São Paulo: HUCITEC, 2013.

CHARLE, Christophe. **Les Élités de la République (1880-1900)**. Paris: Fayard, 1987.

CODATO, Adriano; PERISSINOTTO, R. Apresentação: por um retorno à Sociologia das Elites. **Revista de Sociologia e Política**, v. 16, p. 7-15, 2008.

CORADINI, Odaci L. A politização em condições politicistas: alguns problemas analíticos e resultados de trabalhos. **Política & Sociedade**, v. 16, n. 5, p. 36-75, 2017.

CORADINI, Odaci L. Efeitos da educação formal, categorias ocupacionais e posição social. **Sociedade e Estado**, v. 29, p. 511-538, 2014.

CORADINI, Odaci L. A condição em falso: sobre um trajeto de professor e pesquisador em ciências sociais no Brasil. **Espacios en Blanco**, v. 20, p. 129-163, 2010a.

CORADINI, Odaci L. Estruturas de dominação, integração social e muito mais: os confrontos entre as noções de capital social de Bourdieu e Coleman. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, v. 69, p. 23-41, 2010b.

CORADINI, Odaci L. (Org.). **Estudos de grupos dirigentes no Rio Grande do Sul: algumas contribuições recentes**. Porto Alegre: EDUFRGS, 2008.

CORADINI, Odaci L. A formação da elite médica, a Academia Nacional de Medicina e a França como centro de importação. **Estudos Históricos**, v. 35, 2004.

CORADINI, Odaci L. “Grandes famílias” e elite “profissional” na Medicina no Brasil. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, III (3), 1997a.

CORADINI, Odaci L. O recrutamento da elite, as mudanças na composição social e a “crise da Medicina” no Rio Grande do Sul. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 4, n.2, p. 265-286, 1997b.

CORADINI, Odaci L. A formação da elite médica no Brasil e sua seleção: confronto com o “caso francês”. **História, Ciências, Saúde — Manguinhos**, vol. III (3), 1996.

DÉZALAY, Yves. Les courtiers de l'international: héritiers cosmopolites, mercenaires de l'impérialisme et missionnaires de l'universel. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. 151-152, 2004/1-2.

DÉZALAY, Yves. **Marchands de droit**. Paris: Fayard, 1992.

DÉZALAY, Yves; GARTH, Bryant. **The Internationalization of Palace Wars: lawyers, economists and the contest for Latin American States**. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

ENGELMANN, Fabiano. Juristas e politização da justiça no Brasil: desafios para a abordagem sociopolítica. **Revista Pós-Ciências Sociais**, v. 20, p. 9-28, 2023.

ENGELMANN, Fabiano. **Sociologia do campo jurídico: juristas e usos do direito**. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 2006.

ENGELMANN, Fabiano. **Diversificação do espaço jurídico e lutas pela definição do Direito no Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado) – IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

ENGELMANN, Fabiano. **A formação da elite jurídica no Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado) – IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

GARCIA JR., Afrânio. As fronteiras internacionais das ciências sociais: itinerários de um intelectual coletivo. Entrevistador: Mihai Gheorghiu. **Revista Pós-Ciências Sociais**, v. 17, n. 33, 2020.

GOBO, Karla. **Noblesse d'État: do campo ao habitus da diplomacia brasileira**. Tese (Doutorado) – IFCH, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

GRILL, Igor G. **Parentesco, redes e partidos: as bases das heranças políticas no Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado) – IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

GRILL, Igor G. **As bases sociais dos compromissos: candidatos e eleições no sul do Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado) – IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

GRILL, Igor G.; REIS, Eliana T. dos (Org.). **Estudos de elites e formas de dominação**. São Luís: EDUFMA, 2020a.

GRILL, Igor G.; REIS, Eliana T. dos (Org.). **Estudos sobre elites políticas e culturais**. Vol. 3. São Luís: EDUFMA, 2020b.

GRILL, Igor G.; REIS, Eliana T. dos. Dos campos aos domínios das elites no Brasil. **TOMO**, n. 32, p. 163-210, 2018.

GRILL, Igor G.; REIS, Eliana T. dos. O que escrever quer dizer na política? Carreiras políticas e gêneros de produção escrita. **Revista Pós-Ciências Sociais**, v. 9 (17), p. 101-121, 2012.

GRÜN, Roberto. Dinheiro no bolso, carrão e loja no shopping: estratégias educacionais e estratégias de reprodução social em famílias de imigrantes armênios. *In*: ALMEIDA, Ana M.; NOGUEIRA, Maria A. (Org.). **A escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 66-75.

LANDÉ, Carl H. Groups politics and dyadic politics: notes for a theory. *In*: SCHMIDT, Steffen W.; SCOTT, James C.; LANDE, Carl; GUAUSTI, Laura. (Orgs.). **Friends, followers and factions: a reader in political clientelism**. Berkeley: University of California Press, 1977, p. 506-510.

LEITE LOPES, José S. Touraine e Bourdieu nas ciências sociais brasileiras: duas recepções diferenciadas. **Sociologia & Antropologia**, v. 03.05, p. 43-79, 2013.

LIMA, Aline M. C. B. **A Revolta dos Dândis: a elite da advocacia pública sergipana, profissionalismo e poder**. Tese (Doutorado) – CECH, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

MAYER, Adrian C. La importancia de los cuasi-grupos en el estudio de las sociedades complejas. *In*: BANTON, Michael (org.). **Antropologia social de las sociedades complejas**. Madri: Alianza, 1990, p. 108-133.

MICELI, Sérgio. A recepção de Pierre Bourdieu no Brasil: circunstâncias e mediadores. **Sociologias Plurais**, v. 7, n. 3, p. 14-27, 2021.

MICELI, Sérgio. **A elite eclesiástica brasileira**. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classes dirigentes no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: Difel, 1979.

MUÑOZ, Marie-Claude. Estudos internacionais: percursos objetivos e experiências subjetivas. *In*: CANÊDO, Letícia; TOMIZAKI, Kimi; GARCIA JR., Afrânio. **Estratégias educativas das elites brasileiras na era da globalização**. São Paulo: HUCITEC, 2013.

NOGUEIRA, Maria A. Estratégias de escolarização em famílias de empresários. *In*: ALMEIDA, Ana M.; NOGUEIRA, Maria A. (Org.). **A escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 49-65.

OLIVEIRA, Wilson J. F. de. **“Paixão pela natureza”**: atuação profissional e participação na defesa de causas ambientais no Rio Grande do Sul entre 1970 e início dos anos 2000. Tese (Doutorado) – IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

PALMEIRA, Moacir. Entrevista com Moacir Palmeira. Entrevistador: José S. Leite Lopes. **Horizontes Antropológicos**. vol. 19, n. 39, p. 435-457, 2013.

PALMEIRA, Moacir; BARREIRA, César (Orgs.). **Política no Brasil**: visões de antropólogos. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.

PALMEIRA, Moacir; GOLDMAN, Márcio (Orgs.). **Antropologia, voto e representação política**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1996.

PORCIONATO, Gabriela. L.; MOURA, Paulo J. de C.; VIEIRA, Mateus. T. A contribuição de Pierre Bourdieu para os estudos sobre elites no Brasil. **Sem Aspas**, v. 11, n. esp. 1, 2022.

REIS, Eliana T. dos. **Contestação, militância e engajamento**: da “luta contra a ditadura” à diversificação das modalidades de intervenção política no Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado) – IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

REIS, Eliana T. dos; GRILL, Igor G. Transações em nome da ‘democracia’: causas, portavozes e modalidades de intervenção a partir de Fundações Partidárias alemãs no Brasil. **REVISTA PÓS-CIÊNCIAS SOCIAIS**, v. 20, p. 292-329, 2023.

REIS, Eliana T. dos; GRILL, Igor G. Estudos de elites políticas e as bases das multinotabilidades dos profissionais da representação no Brasil. **Tempo Social**, v. 29, n. 2, p. 137-159, 2017.

REIS, Eliana T. dos; GRILL, Igor G. (Org.). **Estudos sobre elites políticas e culturais**: reflexões e aplicações não canônicas. Vol. 2. São Luís: EDUFMA, 2016.

REIS, Eliana T. dos; GRILL, Igor G. (Org.). **Estudos sobre elites políticas e culturais**. São Luís: EDUFMA, 2014.

REVISTA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA. Dossiê Elites políticas, v. 16, n. 30, 2008.

REVISTA PÓS CIÊNCIAS SOCIAIS. Dossiê Transações de bens simbólicos entre configurações nacionais, v. 20 n. 2 (2023).

REVISTA PÓS CIÊNCIAS SOCIAIS. Dossiê Estratégias de reprodução de “Elites”, v. 17, n. 33, 2020.

REVISTA PÓS CIÊNCIAS SOCIAIS. Dossiê Cultura, poder e modalidades de engajamento, v. 9, n. 17, 2012.

REVISTA PÓS CIÊNCIAS SOCIAIS. Dossiê Elites, v. 8, n. 15, 2011.

ROCHA, Maria E. M.; PETERS, Gabriel. Facetas de um Bourdieu tupiniquim: momentos de sua recepção no Brasil. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, v. 91, p. 1-30, 2020.

SAINT MARTIN, Monique de. La notion de champ chez Bourdieu. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 10, n. 26, 2022, p. 222-235.

SAINT MARTIN, Monique de. Capital social. In: CATTANI, Afrânio; NOGUEIRA, Maria A.; HEY, Ana P.; MEDEIROS, Cristina C. C. de. (Organização). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 113-116.

SAINT MARTIN, Monique de. Une grande famille. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. 31, p. 4-21, 1980.

SCHMIDT, Steffen W.; SCOTT, James C.; LANDE, Carl; GUAISTI, Laura. **Friends, followers and factions: a reader in political clientelism**. Berkeley: University of California Press, 1977.

SCOTT, John. Corruption, machine politics, and political change. **American Political Science Review**, 63, n 4, 1969, p. 1142-1158.

SEIDL, Ernesto. Elites e instituições: pistas para investigação. In: GRILL, Igor G.; REIS, Eliana T. dos. (Org.). **Estudos sobre elites políticas e culturais: reflexões e aplicações não canônicas**. São Luís: EDUFMA, 2016, p. 97-125.

SEIDL, Ernesto. Estudar os poderosos: a sociologia do poder e das elites. In: SEIDL, Ernesto; GRILL, Igor G. **As Ciências Sociais e os espaços da política no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

SEIDL, Ernesto. Condicionantes sociais na composição do alto oficialato militar brasileiro (1850-1930). In: HEINZ, Flavio M. (Org.). **História Social de Elites**. São Leopoldo: Oikos, 2011, p. 11-27.

SEIDL, Ernesto. Elites militares, trajetórias e redefinições político-institucionais (1850-1930). **Revista de Sociologia e Política**, Vol. 16, n. 30, 2008.

SEIDL, Ernesto. **A elite eclesiástica no Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado) – IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SEIDL, Ernesto. **A espada como “vocação”**: padrões de recrutamento e seleção das elites do Exército no Rio Grande do Sul (1850-1930). Dissertação (Mestrado) – IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

SEIDL, Ernesto; BARREIROS, Bruno Costa. Sobre elites e instituições: caminhos de pesquisa. **Estudos Históricos**, v. 37, 2024, p. 01-29.

SEIDL, Ernesto; GRILL, Igor G. A política como objeto de estudo das Ciências Sociais. In: SEIDL, E.; GRILL, I. G. **As Ciências Sociais e os espaços da política no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

SILVEIRA, Treicy G. da. “**Guardião da Sociedade**”: uma sociologia do Ministério Público. Tese (Doutorado) – CFH, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

TEMPO SOCIAL. Dossiê Elites, v. 29, n. 3, 2017.

TOMO. Dossiê Sociologia do poder e das elites, v. 10, n. 13, 2008.

VIEIRA, Danilo J. Evolução do ensino superior brasileiro em período recente: novas perspectivas para o desenvolvimento regional? *In*: NETO, A. M.; CASTRO, C. N. de; BRANDÃO, C. A. (Orgs.). Desenvolvimento regional no Brasil: políticas, estratégias e perspectivas. Rio de Janeiro: Ipea, 2017.

WACQUANT, Loïc. Seguindo Pierre Bourdieu no campo. **Revista de Sociologia e Política**, n. 26, 2006.

WEINGROD, Alex. Patrons, patronage, and political parties. *Comparative Studies in Society and History*, vol. 10, n. 4, 1968, p. 377-400.

WOLF, Eric. Relaciones de parentesco, de amistad y de patronazgo en las sociedades complejas. *In*: BANTON, M. (org.). **Antropología social de las sociedades complejas**. Madri: Alianza, 1990, p. 19-39.

Submetido em: 26/05/2024

Aprovado em: 12/09/2024